



4310 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

?TABOCA?: AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS PRÁTICAS CORPORAIS DA CULTURA CAMPONESA DE SÃO MIGUEL DAS MATAS/BA

Antoniél dos Santos Peixoto - ESCOLA MADRE MARIA DO ROSÁRIO DE ALMEIDA
Priscila Gomes Dornelles - UNIVERSIDADE FEDERAL DE BAHIA

RESUMO

Este estudo é parte de uma pesquisa de mestrado constituída a partir dos Estudo de Gênero e de inspiração pós-estruturalista no âmbito da Educação do Campo. O objetivo principal foi compreender as resistências de gênero acionadas por mulheres camponesas de São Miguel das Matas/BA na sua vivência das práticas corporais. A “taboca” era um “não” dado ao pedido de dança feito por um homem em espaços coletivos e sociais das comunidades rurais. Pelas narrativas, esta tática se constituía como uma estratégia de resistência em um domínio que privilegiava o exercício do poder masculino.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Práticas Corporais; Educação do Campo.

“TABOCA”: AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS PRÁTICAS CORPORAIS DA CULTURA CAMPONESA DE SÃO MIGUEL DAS MATAS/BA

RESUMO

Este estudo é parte de uma pesquisa de mestrado constituída a partir dos Estudo de Gênero e de inspiração pós-estruturalista no âmbito da Educação do Campo. O objetivo principal foi compreender as resistências de gênero acionadas por mulheres camponesas de São Miguel das Matas/BA na sua vivência das práticas corporais. A “taboca” era um “não” dado ao pedido de dança feito por um homem em espaços coletivos e sociais das comunidades rurais. Pelas narrativas, esta tática se constituía como uma estratégia de resistência em um domínio que privilegiava o exercício do poder masculino.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Práticas Corporais; Educação do Campo.

INTRODUÇÃO

O presente estudo é parte integrante da pesquisa “As práticas corporais da Cultura camponesa no município de São Miguel das Matas/BA: formulações/reformulações e significados disputados” vinculada ao Mestrado Profissional em Educação do Campo do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Neste recorte, buscamos compreender as resistências das mulheres camponesas do município de São Miguel das Matas/BA frente ao exercício do poder masculino nas práticas corporais, especialmente, na dança durante atividades coletivas e sociais nas comunidades rurais. Tais relações de poder perpassam todos os contextos sociais e indicam hierarquias e posições de valor, onde, em geral, ao homem são constituídos lugares favoráveis para o exercício de poder e dominação, também, no âmbito das práticas corporais. Este plano político foi/é parte também da cultura camponesa no município de São Miguel das Matas/BA.

Quais ações, atitudes, comportamentos são acionadas nas narrativas para indicar as posições contrárias as hierarquizações de poder pautadas nas relações de gênero nas práticas corporais da cultura camponesa? Este foi o questionamento que orientou este estudo. Para tanto, partimos da compreensão de Hall (1997, p. 03), ao afirma que “é através do uso que fazemos das coisas, e o que dizemos, pensamos e sentimos acerca destes - como os representamos - que os damos significado”. Desta forma, sinalizamos a “taboca” como uma representação das estratégias políticas e de resistência atreladas às relações de gênero que circularam/circulam na cultura camponesa no município de São Miguel das Matas/BA.

RELAÇÕES DE GÊNERO E AS PRÁTICAS CORPORAIS

Em cada momento histórico as marcas culturais são vividas e acionadas culturalmente de maneiras diferentes, produzindo posições daquilo nomeado, de distintos modos, como lugares das margens. O contexto social, econômico, religioso, político exerce influência significativa na gestão destas diferenças e na produção dos seus sentidos. Assim, como evidenciar a relação entre o corpo e a cultura na qual ele vive? Como romper com a ideia de que sua natureza, por si só, garante sua formação e desenvolvimento? (GOELLNER, 2010). Estes questionamentos nos impulsionam a suspeitar do sentido de naturalização dado às diferenças corporais como gênero, raça, sexualidade, dentre outras. Portanto, refutamos o status de naturalização do corpo. “Com isso afirmo que o corpo é educado por meio de um processo contínuo e minucioso, cuja ação vem conformando formas de ser, de parecer e de se comportar” (GOELLNER, 2010, p. 73). Este é o entendimento de corpo que utilizamos para analisar como as relações de gênero funcionam de forma articulada às práticas corporais da cultura camponesa de São Miguel das Matas.

Desta forma, ressaltamos que nossa compreensão sobre as práticas corporais se pauta em Silva (2014, p. 19), onde afirma que as práticas corporais são

Fenômenos que se mostram, prioritariamente, ao nível corporal, constituindo-se em manifestações culturais, tais como os jogos, as danças, as ginásticas, os esportes, as artes marciais, as acrobacias, entre outras. Esses fenômenos culturais que se expressam fortemente no nível

Portanto, estas inúmeras maneiras de se referir ao corpo podem funcionar socialmente como organizadores de desigualdade, quando isto se dá operando sentidos e significados acionados com valores sociais diferentes de modo a fixá-los no corpo, posicionando uma determinada especificidade com status de superioridade como “natural” em relação às outras.

Desta forma, partindo da afirmação que “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86), posicionamos esta categoria como ferramenta de análise, por entender que ela possibilita

compreender que os corpos, as gestualidades, as representações de saúde, beleza, performance, sexualidade são construções históricas que, em diferentes tempos e culturas, foram associados aos homens e/ou às mulheres, produzindo, ainda representações de masculinidades e feminilidades (GOELLNER, 2013, p. 31).

Por esta razão, o conceito de gênero “é importante para perceber os processos pelos quais, no interior de redes de poder, a diferença biológica é tomada para explicar desigualdades sociais, gestando, assim, formas de inclusão e exclusão de sujeitos e grupos” (GOELLNER, 2013, p.25). Esta inclusão/exclusão envolve não somente as práticas corporais como também se apropriam delas para fortalecer e construir as diferenças, demarcando o que é in/inteligível e im/possível para os corpos.

Sendo assim, as discussões traçadas nos levantaram suspeição aos esquemas estruturantes da sociedade, pautados nas diferenças biológicas assumindo o poder na organização social, naturalizando as diferenças e conseqüentemente as posições de poder. Nesta compreensão, corpo, cultura, gênero e práticas corporais são construções sociais em determinados tempos históricos, numa inter-relação articulada entre os sujeitos e as tecnologias sociais instituídas ou/e utilizadas como forma de justificar as diferenças, bem como, as formas de resistências transvertidas na “taboca”.

CAMINHOS DA PESQUISA

Para Dornelles (2007, p. 50), “uma assunção que faz necessária é a de que esta pesquisa é interessada.” Ela “é também um exercício político, pois se imbrica nessa movimentação a tarefa de perguntar e tensionar continuamente a intencionalidade desta pesquisa e da sua produção/movimentação teórica” (DORNELLES, 2007, p. 52). Assim, refutamos a ideia de neutralidade, de isonomia do/a pesquisador/a com o objeto, configurando desta forma, um tom pós-estruturalista de pesquisar.

O público alvo desta pesquisa foi constituído de oito pessoas mais velhas de quatro diferentes comunidades, sendo um homem e uma mulher de cada comunidade selecionada. Esta seleção ocorreu através de um questionário aplicado com as lideranças das associações rurais. Utilizamos a técnica da entrevista semiestruturada por entender que a construção das suas narrativas aciona concepções e elementos das relações de gênero no contexto do campo. Assim, realizamos oito entrevistas, sendo feita a gravação de áudio com posterior transcrição dos relatos. Ressaltamos também, que usamos nomes fictícios, preservando assim, a identidade dos/das entrevistados/as. Estes autorizaram a participação na pesquisa via utilização de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

“TABOCA”: UMA RESISTÊNCIA POSSÍVEL

De início nos referimos a constituição do Campo para pensarmos sobre as práticas corporais, e neste salientamos a fala de Cláudia: *“O tempo das pessoas sempre foram ocupados com o trabalho, geralmente o tempo livre era nos finais de semana e nos “Dias Santos”, momentos aproveitados pelos sujeitos campesinos/as para realizarem muitas das suas práticas corporais, em maioria sempre realizada de forma coletiva.*

Segundo Pedro, eles mesmos *“que inventam as brincadeiras”* (Relato de Pedro). E estas tinham relação direta com o cotidiano, com o vivido pelas crianças, suas relações pessoais e interpessoais que fundamentavam o criar, o viver das práticas corporais, é assim que Cláudia relata sobre a brincadeira de roda, prática muito presente nas narrativas dos/as entrevistados/as.

Brincadeira de roda, todos davam as mãos, já era um gesto de confraternização, de união, não existia essa questão de empurra pra lá, eu quero fulano, quero beltrano. Entrava pequeno, velho e crianças, tudo na mesma roda, iam cantar e fazer funcionar a mente de cada um, de livre e espontânea vontade, criando versos, trovas onde cantavam dentro daquela própria roda e no centro ia um par ou dois dançar (Relato de Cláudia).

Sobre a relação das mulheres com o trabalho e no contexto social como um todo, Maria nos apontam o seguinte:

naquela época as mulheres eram mais guardadas, assim sei lá, não era como hoje, que a mulher sai, faz qualquer trabalho, trabalho de roça até na indústria, outra já é agente de saúde, quer dizer, isso tudo já é diferente do passado, no passado não era assim, não estudavam nem nada (Relato de Maria).

Vejamos como estas construções pautadas nas diferenças generificadas constroem posições de poder que inferioriza o outro, excluem dos espaços sociais. Ao mesmo ponto, observemos que o processo de lutas das mulheres já conseguiram alargar alguns destes espaços sociais, resignificando práticas e posições que as inferiorizavam.

Maria também nos relatou sobre a composição da burrinha, brincadeira presente naquele seu tempo histórico e nesta podemos observar a presença das heteronormas. Segundo ela, a burrinha era

um homem que se trajava como um animalzím, se cobria todo e aí ficava o povo todo ali em volta, tinha um homem que se chamava Catarina, botava o nome de Catarina a pessoa que ia perturbar a burrinha, a burrinha ia em cima de um de outro (Relato de Maria).

É observado a presença só de homens no centro da referida brincadeira, no entanto, estes recebiam nomes femininos. Tendo em vista nossos referenciais, podemos afirmar que estas posições pautadas pela ação do brincar não são compreendidas como uma contravenção a heteronorma, ao mesmo ponto, vejamos que a posição do Catarina é de comédia, de uma pessoa que tem como função, perturbar o outro. Isso não seria uma visão feminina pejorativa? De que serve apenas para o divertimento dos outros?

Com relação as práticas corporais que eram proibidas ou/e não adequadas para as mulheres, Cláudia aponta para a cavalgada, *“era mais os homens, mas sempre houve mulher ousada, ela dizia que topava e ia junto mesmo”* (Relato de Cláudia). Essa não indicação/proibição era justificada pelo fato de as mulheres terem que ficar em casa com os filhos, *“e a outra razão, os homens sempre considerou as mulheres frágeis, tinha medo delas cansarem na estrada”* (Relato de Cláudia). Aqui observamos como os aspectos biológicos são acionados para justificar a exclusão das mulheres, assim como as forças de resistência para desconstruir estas diferenças.

No contexto da dança, é acionado na narrativa a expressão da “taboca”. As danças aconteciam geralmente nas casas das pessoas, um convite era lançado por um homem a uma mulher e a esta, a recusa não era vista como algo possível, pois apontava para uma desobediência a ‘ordem’. A naturalização do papel do convite masculino e do necessário aceite feminino se dava naquele contexto. Assim, as mulheres *“não podia dar ‘taboca’, se ele chamasse ela para dançar e ela não fosse, se o homem quisesse fazer briga ele fazia”* (Relato de Bernadete). Essa circunstância arranjava com que algumas mulheres se recusassem a participar desta prática, considerando que para

elas não era permitido culturalmente dançar com quem quisessem.

Os efeitos normativos, que em prática atribui posições de desigualdade para as mulheres frente aos homens, também produz efeitos de resistências, como observamos na fala de Bernadete, onde afirma que só dançava com quem ela queria, "*porque eles escolhia, então a gente ficava na mente, eles escolhem, nós também escolhe*" (Relato de Bernadete). Portanto, apesar das políticas de gênero nas práticas corporais do campo, percebe-se que as mulheres sempre acionavam modos de resistir às regulações de seus corpos, foi assim com as formas de trabalho, da constituição das famílias, com as práticas da cavalgada bem como a prática corporal da dança. A "taboca", então, se configura como a ação política abjeta, uma contra conduta frente ao contexto generificado e generificador. Sendo assim, Cláudia afirma que "*o homem sempre foi criado como aquele que pode, aquele que deve, aquele que tem que sair na frente, aquele que tem que mandar, e a mulher ficava sempre submissa, hoje é que tem sido uma luta para conquistar espaço e tem conseguido*".

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Diante do caminho traçado neste estudo, uma das posições que podemos evidenciar nos conduzem para a compreensão e afirmação de que o contexto do campo sofreu mudanças significativas, os contextos sócio/cultural e econômico foi ressignificado e com ele inúmeras práticas corporais, visto que, algumas delas não mais se fazem presente na contemporaneidade.

Os relatos nos suscitaram apontar que as relações de gêneros perpassaram/perpassam a organização das práticas corporais da cultura camponesa no município de São Miguel das Matas, onde ao homem sempre foi atribuída condição privilegiada frente a mulher. No entanto, percebemos que mesmo frente a estas imposições, as mulheres sempre procuram resistir, e ressignificar seu papel e suas funções frente a sociedade, não acatando as posições que as desvalorizavam. A "taboca" é umas destas resistências que desestabilizavam a posição de poder dos homens, pois o constrangimento da "taboca" não apenas representava o não a um pedido de dança, a "taboca" representava um não a posição de poder, de domínio que era atribuído ao homem.

Referências bibliográficas

DORNELLES, P. G. **Distintos destinos? A separação de meninos e meninas na educação física escolar na perspectiva de gênero**. 2007. 156 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2007.

GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 71-83, mar. 2010.

_____, S. V. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da Educação Física. In: DORNELLES, P. G.; WENETZ, I. e SCHWENGBER, M. S. V. (Orgs). **Educação física e gênero: desafios educacionais**. Injuí: Unijuí, 2013.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.22, n.2, p.15-46, jul./dez. 1997.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**. 20(2), p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, A. M. Entre o corpo e as práticas corporais. In **Revista Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, Edição Especial, v.10, n.1, p.5-20, jan/jun 2014.